

DOBRAS INTERDISCURSIVAS: O MOVIMENTO DO SUJEITO NA CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVA DOS SENTIDOS¹

Cármem Lúcia Hernandes AGUSTINI

RESUMO *Na dissertação analiso o funcionamento das dobras interdiscursivas na construção enunciativa dos sentidos sob a perspectiva teórica da Semântica Histórica da Enunciação. As dobras interdiscursivas, enquanto efeito de sentido, são paráfrases denegativas do próprio efeito do interdiscurso que se põe no intradiscurso, (re)significando-o. Uma formulação intradiscursiva do efeito de sentido posto pela memória do dizer necessária para administrar uma não-coincidência de dizeres-e-sentidos, colaborando para o estabelecimento das ilusões de subjetividade e de unidade do dizer.*

RÉSUMÉ *Ce travail examine le fonctionnement des plis interdiscursifs dans la construction énonciative des sens, sous la perspective théorique de la Sémantique Historique de l'énonciation. Les plis interdiscursifs, en tant qu'effet de sens, sont des paraphrases dénégatives de l'effet même de l'interdiscours qui fait irruption dans l'intradiscours, en le (re)signifiant. Une formulation intradiscursive de l'effet de l'interdiscours nécessaire pour administrer une non-coïncidence de dires-et-sens; qui aide à l'établissement des illusions de subjectivité et d'unité du dire.*

Parece-me conveniente começar dizendo que este texto é uma síntese de minha dissertação de mestrado, na qual me propus a olhar um processo enunciativo próprio da negociação da representação de unidade do(s) sentido(s) e, por conseguinte, do sujeito que aparece, em muitos casos, como *parentetização*. Essa denominação está marcada por um lugar teórico com o qual não concordo. Saussure (1996:15) dizia que *o ponto de vista cria o objeto*. Meu olhar teórico-epistemológico sobre o objeto de estudo trabalha a constituição teórica do fenômeno. Daí que as dobras interdiscursivas diferem da parentetização já na própria conceituação. Aí se encontra a contribuição de meu trabalho. Pôr em outros termos, ou seja, olhar para este

¹ Dissertação de Mestrado defendida em 19 de fevereiro de 1999 no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob orientação Prof. Dr. Eduardo Guimarães.

fenômeno da atividade de linguagem a partir da perspectiva teórica da Semântica Histórica da Enunciação.

Os processos enunciativos e os mecanismos de seu funcionamento significativo se constituem por meio de uma relação complexa, necessária e constitutiva com o interdiscurso (memória do dizer). Eles estabelecem o esquecimento da determinação do sujeito (e dos sentidos), enquanto posição-sujeito, pelo interdiscurso, sob a aparência da tomada de posição do sujeito-falante na atividade de linguagem. As dobras interdiscursivas são um fenômeno que se põe nos interstícios de tal consideração. Daí decorrendo duas questões que parametrizaram a pesquisa, a saber: (1) O que são as dobras interdiscursivas? e (2) Por que elas ocorrem?.

Para respondê-las, tomei para minha reflexão duas entrevistas, pertencentes ao Acervo *Certas Palavras*, como material de análise, posto que, ao ser afetado pelo contato com o social e suas coerções, o sujeito-falante está suscetível a interpretar seu dizer e a administrar os dizeres-e-sentidos-outros que aderem ao intradiscurso, entreabrindo a possibilidade de fuga dos dizeres-e-sentidos para outros lugares de significação que poderiam contradizer o lugar de sua inscrição-identificação. Consequentemente, em uma entrevista os processos de disciplinarização dos sentidos – as dobras interdiscursivas os exemplificam – são mais visíveis, uma vez que a determinação histórica e ideológica inscreve o sujeito-falante em um modo de dizer padronizado e institucionalizado. As entrevistas selecionadas foram realizadas em 1989, sendo uma entrevista com o sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC) e outra com o idealizador e primeiro diretor da Sudene, o economista Celso Furtado (CF). Celso Furtado, assim como Fernando Henrique, é também professor e político.

Para trabalhar a questão (1), vou considerar duas dobras interdiscursivas, uma vez que o fenômeno foi definido com base no seu funcionamento enunciativo-discursivo. As dobras interdiscursivas são reconhecidas por uma relação de seu funcionamento enunciativo-discursivo com marcas formais que sinalizam sua emergência no dizer². Antes, porém, devo explicitar que na análise das entrevistas encontrei uma dualidade de significação marcada por um jogo entre duas representações, o intelectual-político *versus* o político por vocação em FHC e o político honesto *versus* o político corrupto em CF. Em ambas as entrevistas, a direção argumentativa converge os dizeres-e-sentidos para um lugar de significação que estabelece uma imagem ‘diferenciada’ de político para os sujeitos-falantes que faz parte do modo padronizado e institucionalizado do político dizer. Esse modo consiste em falar mal dos outros políticos e se dizer/colocar como o “bom político”. Por conseguinte, a posição de sujeito “político” organiza o dizer em uma determinada configuração significativa que é afetada pelas constantes variações nas conjunturas históricas e sociais dos sujeitos-falantes.

Em decorrência destas variações nas conjunturas históricas e sociais, o dizer de Celso Furtado privilegia um jogo temporal entre passado/presente, o qual é essencial

² Para maiores detalhes, consultar Agustini (1999).

à diretividade e à consistência do dizer e que, em várias vezes, é marcado nas/pelas dobras interdiscursivas, enquanto o dizer de Fernando Henrique Cardoso trabalha distintas posições sociais, homogeneizando-as, para construir a diretividade predeterminada pela inscrição-identificação histórica e ideológica com uma posição de sujeito que se refere à representação social do político enquanto tipo.

- (a) Na fase de desenvolvimento em que estamos^a, em que precisamos ainda resolver problemas, **que eu diria do passado^b**, problemas estruturais fundamentais, internacionalizar a economia do Brasil de forma indiscriminada pode ser perigoso; portanto, eu diria que – **se bem que o nacionalismo, em princípio, hoje^c não se aplica na forma como se aplicava no passado^d** – devemos temer não pelo nacionalismo, mas pela ameaça de uma internacionalização que leve ao descontrole e a uma espécie de incapacidade de governo neste país. (CF)³
- (b) Quando estava na USP, pensávamos que o ideal era fazer dela uma universidade tipo Heidelberg, onde Kant passeava pelas ruas para pensar as grandes categorias do pensamento (...) Éramos educados à la Sorbonne. (...) Queríamos nos colocar em nível internacional^e. Quando alguns *pensadores brasileiros^b* iam para o concreto, nós^c os desclassificávamos. (...) Talvez até houvesse uma razão para isso, mas ele (Guerreiro Ramos) apontava um problema real. Ele dizia: “não adianta vocês ficarem pensando nos louros alemães, que o nosso negócio aqui é negritude”. Bem, nesse aspecto ele tinha razão. **Não quero dizer que nós^d não tenhamos feito um esforço nessa direção.** Florestan fez, todos nós^e fizemos. Digo mesmo que os problemas brasileiros se desenvolveram bastante nessa área, mas transmitimos – e **não fomos só nós^f** – um modelo de intelectual, o chamado grande intelectual, que só pensa os grandes temas. E, realmente, o desafio é outro. (...) não se^g pode simplesmente dar as costas aos problemas do cotidiano. (FHC)

No recorte (a), Celso Furtado, a partir da questão *o nacionalismo ainda tem razão de ser na esfera econômica ou ele deveria estar mais dirigido à preservação da natureza e dos valores da cultura brasileira?*, comenta as mudanças que o tempo produz nas condições de existência do nacionalismo econômico. Segundo o entrevistado, em sua época, o nacionalismo resumia-se em acreditar que o Brasil tinha todas as possibilidades para se desenvolver, para ser industrial, para se modernizar, para reconstruir suas estruturas, enquanto, hoje, nacionalistas são aqueles que acreditam que o Brasil necessita de uma inserção maior na economia internacional.

Os índices ^{a,c} representam o presente e ^{b,d} o passado. Esse jogo temporal passado/presente direciona e dá consistência ao dizer, posto que é a partir deste que é traçada a distinção entre a Sudene hoje e a Sudene na época de Celso Furtado. A enunciação temporaliza uma comparação. É a comparação que produz a distinção, que dissocia as imagens de político honesto e político corrupto referentes à Sudene na época de Celso Furtado e à Sudene após Celso Furtado.

Neste quadro de convergência, as dobras interdiscursivas que figuram neste recorte emergem devido à comparação temporal que dá sustentação ao dizer. A

³ Nos recortes (a) e (b), as dobras interdiscursivas aparecem destacadas pelo recurso do negrito.

dobra interdiscursiva *que eu diria do passado* marca que os problemas estruturais do Brasil, que podem comprometer (hoje) a internacionalização da economia, deviam ter sido resolvidos no passado. Posso dizer que a enunciação desta dobra interdiscursiva (re)significa o dizer intradiscursivo, remetendo-o, de certa forma, à discursividade que conforma a condição da Sudene ontem e hoje. É que, se Celso Furtado (o político honesto) não tivesse sido cassado (pelos políticos corruptos) e a Sudene tivesse conseguido levar a bom termo seus objetivos, talvez parte destes problemas estruturais (do passado) não existiriam hoje. Por conseguinte, a dobra interdiscursiva liga a questão dos problemas estruturais ao lugar de significação que predomina/determina o dizer do/no acontecimento enunciativo.

Por outro lado, a dobra interdiscursiva *se bem que o nacionalismo, em princípio, hoje não se aplica na forma como se aplicava no passado* emerge para administrar um dizer-e-sentido-outro que perpassa o intradiscorso e que produz sentidos nos quais o nacionalismo é histórico, que ele não é o mesmo para épocas, situações e lugares (espaços) geo-políticos diferentes. É a emergência desta dobra interdiscursiva que administra essa não-coincidência dos sentidos (o não-um dos sentidos), garantindo a consistência do dizer. Além disso, contribui para o estabelecimento da distinção entre o passado e o presente (presente que se representa no acontecimento enunciativo como um *continuum* desde a saída de Celso Furtado da presidência da Sudene até a entrevista), concorrendo, ainda, para a construção enunciativa dos sentidos predeterminados pelo lugar de inscrição-identificação do sujeito de dizer na ‘totalidade’ da entrevista. Isto porque na entrevista o nacionalismo é posto (no passado) como “criar condições para que o Brasil se desenvolva” e o modo de enunciar produz sentidos que direcionam *os dizeres/ações* (do/no passado – antes de ser cassado) para um lugar de significação que sustente a ação do entrevistado em prol do desenvolvimento do Brasil.

No recorte (b), Fernando Henrique estabelece uma crítica aos chamados *grandes intelectuais*. Ele argumenta que os intelectuais podem ser muito úteis à política e ao desenvolvimento do país, desde que estejam ‘pinhados’ na política – para usar um termo dele. O índice ^a refere-se a uma temporalização enunciativa (do passado) correspondendo ao espaço acadêmico, representado, no dizer de Fernando Henrique, pela Universidade de São Paulo (USP), remetendo o passado do entrevistado ao espaço acadêmico e o presente à política. Uma comparação entre estes espaços se estabelece, direcionando o dizer para um lugar de significação que afirma a pertinência de intelectuais na política. É na política que o intelectual realmente produz. Enunciar a postura dos intelectuais-acadêmicos como alheios ao mundo cotidiano, restringindo-os à consideração dos grandes temas é, no dizer de Fernando Henrique, construir um espaço de distinção entre esta imagem e a imagem dos intelectuais-políticos que se configura no acontecimento enunciativo. Criticar os intelectuais-acadêmicos desta forma como estão representados no dizer é ainda dissociar-se desta posição e instituir uma diferença: o intelectual-político é aquele que pensa, que sabe como fazer e que resolve os problemas cotidianos.

^b refere-se a Guerreiros Ramos caracterizado, no dizer de Fernando Henrique, como um sociólogo preocupado com os problemas do cotidiano, mas que só aponta os problemas cotidianos; não os resolve, porque é intelectual-acadêmico apenas e não um intelectual-político. Daí a paráfrase ‘pensadores brasileiros’. Do lugar de significação do qual o sujeito-falante enuncia ser um intelectual preocupado com os problemas do cotidiano significa ser um intelectual-político (ao modo como Fernando Henrique Cardoso se coloca/diz). Aí encontro a necessidade discursiva, referente à textualização do político, estabelecendo as chamadas ‘escolhas lexicais’, uma vez que referir ‘Guerreiros Ramos’ como intelectual-acadêmico ou como intelectual-político cria um espaço de contradição que pode gerar uma espécie de indistinção das representações estabelecidas no dizer. Em decorrência posso dizer que a “escolha” de um ou de outro vocábulo não é indiferente à questão da significação.

^{c,f} referem-se ao intelectual-acadêmico que, cego para os problemas concretos, desclassifica ‘seus colegas’ quando, estes, se preocupam com os problemas do cotidiano e/ou ao intelectual-acadêmico (não só os sociólogos brasileiros, mas qualquer intelectual-acadêmico) que transmita o modelo do *grande intelectual* caracterizado na entrevista como aquele que só pensa os grandes problemas da humanidade em detrimento de pensar os problemas nacionais. Por conseguinte, este *nós* que aparece sob os índices ^{c,f} não refere o mesmo que àquele que aparece sob os índices ^{d,e}, posto que recortam e recobrem posições diferentemente representadas no dizer. ^{d,e} referem-se à representação do intelectual-político. ^g, por sua vez, indetermina a representação, produzindo um efeito de generalização, que dá força ilocucionária à crítica de Fernando Henrique.

A partir da análise destes dois recortes, posso dizer que as dobras interdiscursivas textualizam o político na construção enunciativa dos sentidos e, por conseguinte, do sujeito, disciplinarizando a polissemia do dizer. Isso colabora para a construção imaginária da unidade dos sentidos, deixando, no imaginário, seu vestígio sob a forma de comentários, ressalvas, explicações laterais e atenuações. Esses vestígios, por sua vez, colaboram para o estabelecimento da ilusão de subjetividade. Ilusão que fornece ao sujeito sua identidade, administrando as não-coincidências de dizeres-e-sentidos oriundas da dispersão do sujeito pelas diferentes regionalizações interdiscursivas de significação que o constituem.

Em decorrência, posso começar a responder a questão (2) dizendo que as dobras interdiscursivas ocorrem, na injunção a significar, enquanto um mecanismo de controle dos sentidos, para que eles sejam x e não y, para que tenham uma direção que constitua uma posição do sujeito⁴. As dobras interdiscursivas ocorrem devido à determinação do intradiscorso pelo interdiscorso (memória do dizer). Há vários sentidos perpassando o dizer intradiscursivo simultaneamente, os quais podem ou não ecoar pelo intradiscorso. Quando ocorre a ressonância interdiscursiva,

⁴ Consideração (re)significada de Orlandi (1996).

uma necessidade discursiva (de significação), referente à textualização do político, reclama a dobra interdiscursiva. Isso se dá quando um dizer-e-sentido pertinente a um lugar de significação contrário eclode no intradiscurso, provocando uma ressonância interdiscursiva de significação que o sujeito, no gesto de interpretação erigido pelo efeito da tomada de posição, denega por meio de uma dobra sobre o dizer.

A tomada de posição deve ser compreendida como um efeito da determinação do intradiscurso pelo interdiscurso (memória do dizer), na medida em que a tomada de posição se volta sobre si mesma para se atravessar. Nestas condições, a tomada de posição resulta de um retorno do sujeito/sentido no sujeito/sentido, de modo que a não-coincidência de dizeres-e-sentidos (a contradição de significação) se torne imaginariamente homogênea aos dizeres-e-sentidos reconhecidos-aceitos-assumidos com os quais o sujeito do dizer se identifica.

Essa tomada de posição refere-se, por conseguinte, à inscrição-identificação dos sentidos com o lugar de significação que organiza/articula a relação entre os diferentes lugares de significação que constituem o sujeito do dizer do/no acontecimento enunciativo. O desdobramento do sujeito (sentidos) – como um ato de tomada de consciência em relação ao que diz e/ou como diz – é uma dobradura da identificação que designa a construção da exterioridade como uma projeção do interior ao sujeito. Na verdade, a atividade de linguagem é um desdobramento da memória do dizer, a instauração de uma exterioridade discursiva por meio da enunciação. As dobras interdiscursivas se constituem como lugares onde se produz um efeito de visibilidade do processo de interpelação-identificação do sujeito.

No imaginário da atividade de linguagem, as dobras interdiscursivas funcionam como acréscimos contingentes que se caracterizam como recursos da estratégia retórica do sujeito-falante, uma vez que a emergência das dobras interdiscursivas está relacionada aos processos imaginários da construção enunciativa dos sentidos. As dobras, ao administrarem a polissemia que a formulação intradiscursiva não consegue silenciar, garantem os efeitos imaginários de linearidade, literalidade e completude que são necessários para que o sujeito possa significar e produzir sentidos. Assim sendo, as dobras interdiscursivas colaboram para o estabelecimento da ilusão de unidade e da ilusão de subjetividade.

A ilusão de subjetividade é um componente inalienável da construção enunciativa dos sentidos, uma vez que a constituição do sujeito e dos sentidos encontra na subjetividade uma condição necessária para o estabelecimento de um sujeito coerente, com certa permanência (duração), com certa especificidade e certo domínio. A ilusão de subjetividade corrobora a ilusão de unidade dos sentidos e do sujeito, administrando a polissemia e produzindo os efeitos de linearidade, literalidade e completude. Acontece que o sujeito não opera com estes efeitos como algo fixo e irreduzível, eles se instituem em uma relação dinâmica com os sentidos nas diferentes instâncias do acontecimento enunciativo, ou seja, esses efeitos vão se construindo no processo enunciativo, assim como o sujeito e a sua identidade.

Para finalizar, gostaria de dizer que a compreensão da heterogeneidade do dizer permite compreender melhor o funcionamento das dobras interdiscursivas e a sua importância na construção enunciativa dos sentidos e, por conseguinte, do sujeito. Para tanto, estabeleci uma analogia ilustrativa entre o dizer e uma colcha de retalhos. Comparando-os, posso perceber que o dizer resulta de recortes do interdiscurso (memória do dizer) que o sujeito-falante, imbuído histórica e ideologicamente por um lugar de significação, (re)cuta e costura. Em alguns pontos da colcha, o acabamento perfeito não permite vislumbrar os arremates, mas há outros lugares em que os arremates são visíveis (dobras interdiscursivas). Os arremates não são, portanto, acidentes do/no tecido. São processos enunciativos próprios do funcionamento do dizer. São tecidos interdiscursivos que se torcem, se evaginam e se dobram no processo de confecção da colcha. A unidade da colcha reside, por conseguinte, no sistema que torna possível e que rege a confecção.

Essa analogia dizer-colcha me permite compreender e explicitar que todo dizer se constrói por um retorno constante a outros dizeres presentes no interdiscurso (memória do dizer). Sendo assim, posso argumentar que, para mim, a noção de heterogeneidade refere-se aos recortes interdiscursivos de significação que conformam os dizeres-e-sentidos intradiscursivos e que neles permanecem como aquilo que é dito. Nesta medida, posso considerar o fenômeno das dobras interdiscursivas como um lugar onde a determinação do intradiscorso pelo interdiscurso (memória do dizer) se torna visível. Daí que o fenômeno é a prova material do primado da memória do dizer, a qual Pêcheux denominou interdiscurso.

Os recortes interdiscursivos de significação que participam na construção enunciativa dos sentidos denotam o movimento dos sentidos e, por conseguinte, do sujeito por diferentes lugares de significação. Há pontos do dizer que movimentam dizeres-e-sentidos que contradizem os dizeres-e-sentidos pertinentes ao lugar de inscrição-identificação do sujeito de dizer e que, por conseguinte, entreabrem a possibilidade do equívoco, da deriva dos sentidos. É essa tensão significativa que reclama a emergência das dobras interdiscursivas para administrar a polissemia do dizer e direcioná-lo para um lugar de significação que, no gesto de interpretação do(s) possível (is) interlocutor(es), acabe por colaborar para a construção do processo de argumentação.

Por outro lado, as dobras interdiscursivas contrapõem-se ao caráter unívoco dos mecanismos positivistas de redução contextual da polissemia. Se não há o *trabalho* de administrar os dizeres-e-sentidos-outros, é porque estes não existem para o sujeito de dizer; eles não transpõem o limiar de sua visão ou consciência. O que ouve/lê não é mais exposto que aquele que fala/escreve a se deixar turvar pelos dizeres-e-sentidos-outros que se põem no dizer por meio de um efeito do interdiscurso (memória do dizer). Por conseguinte, cada dobra interdiscursiva manifesta o *trabalho* que o sujeito realiza para administrar estes dizeres-e-sentidos-outros que não dormem, mas existem e que não são anulados em um ponto *x* do dizer.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. (1973) **Réponse à John Lewis**. Paris: François Maspero.
- AUTHIER, J. (1982) Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV (26)**:91-151, Paris.
- _____. (1990) Hétérogénéité(s) énonciative(s). **Langages (73)**:98-111, mars 1984. Trad. Bras. **Cadernos de Estudos Lingüísticos, (19)**:25-42, Campinas, SP: IEL - UNICAMP, Jul-dez.
- _____. (1998) **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- BRÉAL, M. (1897) **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Trad. Bras. São Paulo, SP: EDUC/Pontes, 1992.
- CAGLIARI, L. C. (1992) "Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos". In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, SP: IEL-UNICAMP, (23): 137-151, jul./dez.
- DELEUZE, G. (1986) "As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjativação)". In: **Foucault**. Trad. Bras. São Paulo, SP: Brasiliense, 1988.
- FERREIRA, C. e VASCONCELLOS, J. (1990) **Certas Palavras**. São Paulo, SP: Estação Liberdade/Secretaria de Estado da Cultura.
- FOUCAULT, M. (1969) **A arqueologia do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- _____. "O sujeito e o poder". In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica.. Para além do estruturalismo e da hermenêutica..** Trad. Bras. Rio de Janeiro, RJ: forense universitária, 1995.
- GADET & HAK (orgs). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- GUIMARÃES, E. (1989) "Enunciação e história". In: GUIMARÃES, E.(org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- _____. (1995a) **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes.
- _____. (1995b) "Texto e enunciação". In: **Organon (23)**:63-67, vol.9, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LAGAZZI, S. (1998) **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. Tese de doutorado, Campinas, SP: IEL-UNICAMP.
- MAZIÈRE, F. (1989) "O enunciado definidor: discurso e sintaxe". In: GUIMARÃES, E.(org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- ORLANDI, E. (1978) "Protagonistas do/no discurso". In: **Série Estudos**, n.4, Uberaba.
- _____. (1984) "Segmentar ou recortar?". In: **Série Estudos**, (10):9-26, Uberaba.
- _____. (1995) **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3a.ed, Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- _____. (1996a) **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez / Editora da Unicamp.
- _____. (1996b) **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (1998a) **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. Campinas, SP: LABEURB/UNICAMP. Mimeo.

- _____. (1998b) **Discurso e argumentação: um observatório do Político**. Campinas, SP: LABEURB/UNICAMP. Mimeo.
- ORLANDI, E. e GUIMARÃES, E. (1988) "Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito". In: **Série Cadernos PUC/SP**, São Paulo, (31):17-36.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.
- PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. (1975) "A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas". In: GADET e HAK (orgs). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990, pp.163-246.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SERRANI, S. (1993) **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. (1991) "Os sentidos marginais" In: **Leitura: teoria e prática** (revista semestral da Associação de Leitura do Brasil) nº 18, ano 10, Brasil: Mercado Aberto.
- _____. (1997) **Cidadãos modernos: discurso e representação política**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.